



REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Fundada em Maio de 1932 — pelo General NEWTON CAVALCANTI

ORGÃO OFICIAL DA ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO EXÉRCITO - Urca - Telefone 26-2375
Rio de Janeiro — Brasil

Diretor Geral — Ten. Cel. JOSE' DE LIMA FIGUEIREDO
Diretor — Cap. JAIR JORDÃO RAMOS
Gerente — Cap. ROBERTO GONÇALVES
Redator-chefe — 1.º Tenente ZALMIR LOCIO CAVALCANTI
Redator-auxiliar — 1.º Tenente VALMIKI ERICHSEN
Tesoureiro — 1.º Ten. ABELARDO VIEIRA DE ARAUJO LIMA
Revisor — 1.º Tenente JOSE' FERRAZ DA ROCHA

ANO X — ABRIL DE 1942

N. 52

Preço: último número, 2\$000; atrasados, 2\$500

Toda a correspondência deve ser endereçada à Revista de Educação Física, sem mencionar nome ou função.

As assinaturas constam de 6 números, são pagas adiantadamente e começam com o número a ser editado.

Preço sob registro: 12\$000

Uma das iniciativas mais interessantes destes últimos anos de renovação nacional, sendo, também, das mais úteis, aliás, é a que se consubstanciou na criação da chamada Escola de Educação Física do Exército. Pela taboleta da porta, pode parecer que se trata de estabelecimento exclusivamente militar. Todavia, a verdade é que se trata realmente de uma escola destinada à formação de técnicos, tanto militares como civis, técnicos esses, que, munidos, depois, de diploma idôneo, saem pelo país afora ensinando a mocidade a cultivar os músculos. Em derradeira análise, portanto, trata-se de mais uma aplicação efetiva daquela "valorização do homem brasileiro", que marca o sentido; nem sempre ressaltante, talvez, mas sempre existente, da ampla ação governamental do Sr. Getúlio Vargas. O esporte, hoje, não é mais passatempo de ociosos. O preconceito secular da incompatibilidade entre o espírito e a força, propagado pelo mun-

mem que educava erradamente o filho, privando-o das alegrias sadias ao ar livre, ouviria, com certeza, a seguinte resposta imediata: "Ora, meu amigo, não pretendo fazer dele um carregador de pianos". E' que, por essa época, os belos espécimes humanos de musculatura desenhada, só se encontravam nas profissões humildes, ou, nos circos, levantando bolotas descomuns de ferro. Um doutor devia ser obrigatoriamente ossudo ou pelanquento, para impor a sua sabedoria. Desemperado e alerta, não inspirava confiança. Os hábitos sedentários, inimigos da própria saúde, causavam adiposidades precoces e encurtavam a existência. Aos trinta anos, começava a velhice, antecipada pelas articulações enferrujadas, os rins espessos e circulação difícil. A senilidade não tardava. Atualmente, é outra a concepção que se tem do valor do corpo, porém. A velha fórmula do *mens sana in corpore sano* recupera o prestígio perdido, rehabi-

sempre enxutos e espertos. O exercício metódico e racional suprime as gorduras desnecessárias, dando elasticidade aos músculos; a instrução adequada desenvolve a inteligência, preparando cidadãos úteis. O gosto pelos esportes, que agora empolga toda a mocidade brasileira, foi adquirido no quartel. Para ser soldado, é preciso ser forte. E como ser forte é ter saúde, a raça inteira se beneficia, indiretamente. Dessa maneira se explica, concluindo a finalidade principal da Escola de Educação Física do Exército, uma organização modelar, de resto. A educação física representa a melhor aprendizagem, digamos, pré-militar. De sorte que, controlando, por meio de instrutores criteriosamente formados, o desenvolvimento muscular da mocidade, o Exército contribui para o aperfeiçoamento do nosso padrão-homem, e, ao mesmo tempo, prepara os seus futuros soldados. Como organização, repito, a Escola de Educação Física do Exército é de-

Força e Saúde

do como reação às esturdias aventuras da Idade Média e particularmente nítido nos povos de origem latina, não resistiu, afinal, ao ambiente da vida moderna. Antigamente, não se compreendia um intelectual sem guedelha caspenta, bochechinha descorada e olheiras arroxeadas. Poeta que não fosse tuberculoso, não encontrava editor. A tosse chegou até a ser um predicado literário muito estimável. Assim, quando um pai extremo via o filho preferir correr e pular, ao invés de escutar as histórias sombrias da ama, logo murmurava, desolado mesmo: "Esse menino não vai dar boa coisa..." Ao contrário, se o garoto, aos doze anos, já precisava usar óculos, era escanifrado e tristonho, o papai, todo estufado de orgulho, proclamava às visitas: "Vai ser uma notabilidade, esse pequeno Juquinha, recita o Navio Negro para dona Frouxilina ouvir". Se alguém, então, dissesse a esse ho-

litando-se brilhantemente. E cabe indiscutivelmente ao Exército, no Brasil, a reeducação conveniente das gerações mais recentes. O quartel não é apenas o lugar onde os rapazes em idade militar aprendem a fazer "meia volta, volver" e se familiarizam com o manejo das armas, eu já disse uma vez. E não é, com efeito. É muito mais que isso, só, num país como o nosso, pois é também onde aprendem a comer, a vestir e a proceder. No quartel, aprendem a ler, os analfabetos, e os rebeldes de temperamento, aprendem a ser disciplinados e obedientes. Os recrutas entram molengões e broncos, frequentemente, saem

veras exemplar. Creio que não ha outra, igual, em parte alguma.

Os técnicos, que atualmente terminam o seu curso, reúnem todos os conhecimentos científicos e práticos exigidos pela experiência. São verdadeiros técnicos, na especialização que escolheram. E o General Gaspar Dutra, em cuja administração, na pasta da Guerra, se completou a sua aparelhagem, com desvelos constantes, participa de uma das realizações de maior alcance do programa que o senhor Getúlio Vargas está executando, programa que, no fundo, consiste em melhorar o homem, para melhorar o país.

Ricardo Pinto